

QUE FUTURO PARA O OCIDENTE?

por Mário Soares

A crise múltipla que está a viver o Ocidente, de enorme gravidade, não nos iludamos - financeira, económica, político-social, energética, alimentar, ambiental - teve a sua origem na América do Norte, como é sabido, e está a instalar-se em força na Europa. Num mundo de certo global, e felizmente que o é, mas que deixou de ser orientado por uma única hiper-potência hegemónica - os Estados Unidos - e voltou a ser multilateral, onde os chamados países emergentes e certos blocos regionais adquiriram grande peso e contam cada vez mais.

A Ibero-América - ou América Latina, como se queira chamar - faz parte, também, obviamente, do Ocidente e sente os reflexos da crise global. Mas está a viver, ao mesmo tempo, uma revolução democrática e pacífica, em alguns dos seus países dominantes, que está a alastrar. Veremos onde chega. Contudo, está a libertar-se da tutela neo-colonial dos Estados Unidos. Cuba, pela primeira vez, desde a vitória de Fidel, poderá vir a evoluir significativamente. Se houver inteligência e tacto da parte do Ocidente.

Os dirigentes ibero-americanos, miscigenados, como no Brasil e na Venezuela, ou claramente indígenas, como na Bolívia - autóctones, índios ou de proveniência europeia ou africana - têm uma visão geo-estratégica própria, nomeadamente para resolver o problema energético e rejeitam, em geral, as receitas do capitalismo neo-liberal, em fase de descrédito e esgotamento. Aliás, as desigualdades sociais que ainda subsistem na Ibero América são tremendas e, eventualmente, explosivas. Por isso, procuram na União Europeia um aliado natural, que não tem sabido - ou podido - corresponder-lhes com o apoio necessário e que dela esperavam e desejavam. Talvez, tenha havido um pouco mais de compreensão, mas não a suficiente, da parte dos Estados Peninsulares, Espanha e Portugal.

Porquê? Porque a Europa continua, no plano geo-estratégico, paralisada. Incapaz de definir um rumo certo, dependentes, como estão, alguns dos seus principais dirigentes - Sarkozy, Brown, Berlusconi - no plano militar, político-ideológico e mesmo económico, da indefinição norte americana.

Daí que seja tão importante saber quem vai ganhar as eleições presidenciais norte-americanas, agora praticamente já clarificadas entre Barack Obama (democrata) e John McCain (republicano). Qualquer deles cortarão o cordão umbilical com as políticas de Bush, que hoje é consensual ter chefiado uma administração cujas políticas foram desastrosas para a América e para o Mundo. Mas o problema consiste em saber qual o tipo de mudança escolhido: muda ou não o paradigma neo-liberal e a economia de casino que dele resultou? Espero que Obama o consiga. Para além das tropas americanas que, com ele na Presidência, sairão do Iraque e, talvez, do Afeganistão. Por isso, tenho sido, desde a primeira hora, como os meus eventuais leitores sabem, um entusiástico partidário do Candidato Obama, que aliás não conheço pessoalmente.

A América precisa de um novo Roosevelt e de inventar um new deal, adaptado à luz da nossa época e dos gravíssimos e complexos problemas com que estamos confrontados. No plano da paz e dos novos equilíbrios mundiais, do reforço e democratização das Nações Unidas e das suas Agências Especializadas, tão decisivamente importantes, da regulamentação de uma globalização que não seja mais predadora dos pobres, nações e pessoas, respeite as regras éticas, sociais, ambientais e os Direitos Humanos, o que passa, necessariamente, pela reestruturação e integração no sistema das Nações Unidas, de organizações obsoletas e dependentes dos interesses das grandes multinacionais, como: o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio.

Um afro-americano instalado no Gabinete Oval da Casa Branca representa, em si mesmo, uma importante revolução, no plano político e cultural. Se tiver a coragem de ser fiel aos ideais do pioneirismo americano de um Lincoln, de um Roosevelt ou de Martin Luther King - que têm sido as suas referências - tanto melhor. Seria uma mudança radical - e ao mesmo tempo pacífica - que

influenciaria o Mundo, no melhor sentido, evitando que o Ocidente entrasse numa fase de decadência, que o espreita. Porque o Mundo muda com ideias e - a vontade política expressa nos centros de decisão e não com as receitas economicistas ou a subida ou descida das taxas de juro. Quem tem um mínimo conhecimento da História, sabe que é assim. Para o bem e para o mal. O Presidente Bush é um exemplo disso mesmo, no pior sentido...

Claro que, como europeísta confesso, gostaria que a União Europeia se pudesse antecipar e fosse preparando o terreno para a grande transformação que se impõe. Seria uma grande oportunidade, à altura do originalíssimo projecto político da União Europeia. Mas não tenho esperança. Com raras excepções, julgo, que os governantes europeus não têm visão do futuro, não perceberam ainda o sentido das crises que nos afectam e como as resolver com políticas estruturais, de fundo. Não ousam inovar. É uma pena.

A União Europeia está centrada nos seus próprios problemas, reage aos estímulos, que lhe chegam do exterior, e sempre na defensiva e não ouve - nem compreende - os gritos de revolta, os protestos e as manifestações de descontentamento que se levantam nas ruas de todas as capitais europeias. Dos agricultores, aos pescadores, dos jovens aos imigrantes, dos intelectuais aos artistas, dos universitários aos sindicalistas, aos ambientalistas e aos que simplesmente se preocupam - por toda a parte e legitimamente - com o insuportável custo de vida, a par dos ordenados hiper-milionários dos administradores e gestores. Quem não faz as reformas que reclamam as sociedades em fúria, colhe, necessariamente, tumultos e revoluções. Maio de 1968, há quarenta anos, foi um exemplo que até terminou bem. Não pela repressão, que dada a impotência do Estado, até obrigou a negociações e mudanças. Mas pelo que se avançou no domínio da abertura das mentalidades e das transformações culturais, políticas e de sociedade. Nada ficou como era!

Na Península Ibérica os Governos de Espanha e Portugal, ambos maioritários e socialistas - e com as oposições de Direita enfraquecidas e divididas - estão, em contra ciclo, com a União, a que pertencem. Têm, assim, à sua frente uma oportunidade única, na busca de um caminho novo. Será que a saberão aproveitar?

Lisboa, Junho de 2008